

FERNANDO DE AZEVEDO E A QUESTÃO DA “RAÇA BRASILEIRA”: SUA REGENERAÇÃO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA

Fernando de Azevedo and the “Brazilian Race” issue: its regeneration through Physical Education

*Ariclé Vecchia¹
Karl Michael Lorenz²*

RESUMO

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, uma questão que afligia a intelectualidade brasileira era o atraso econômico e social do Brasil, apesar de suas riquezas naturais. A tese que ganhou destaque foi a que atribuiu à “degeneração da raça brasileira” a causa do problema. Este pensamento tinha raízes nas teorias raciais europeias sobre a desigualdade das “raças” e na necessidade do controle das categorias sociais estigmatizadas. Fernando de Azevedo, membro e secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo, atribuiu à mestiçagem da “raça” a fraqueza física e moral do povo brasileiro. Influenciado pela idéia de Lamarck, acreditava que as características adquiridas poderiam ser transmitidas geneticamente às gerações posteriores, daí sua defesa em favor da adoção da Educação Física, principalmente para a mulher, como a solução para a “regeneração da ‘Raça Brasileira’”.

Palavras-chave: “Raça Brasileira”, Regeneração, Educação Física.

ABSTRACT

At the end of the 19th century and the first decades of the 20th century, an issue afflicted the Brazilian intellectuals: the social and economic underdevelopment of Brazil as a country despite its natural riches. A thesis that arose prominence was one that pointed the “degeneration of the Brazilian race” as the cause of the problem. This thought was rooted on the European theories about “racial” inequality and on the need to control the stigmatized social categories. Fernando de Azevedo, member and secretary of the “Sociedade Eugênica” from São Paulo, attributed the physical and moral weakness of the Brazilian people to the miscegenation of the “race”. Influenced by Lamarck’s ideas he believed that the acquired characteristics could be genetically transmitted to the following generations, thus his urge in favor of adopting the Physical Education, especially on women, as a solution to “regenerate” the “Brazilian Race”.

Keywords: “Brazilian Race”, Regeneration, Physical Education

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. Contato: arikele@hotmail.com.

² Doutor em Educação pela Columbia University, Professor da Sacredheart University, Fairfield, Connecticut, Estados Unidos. Contato: lorenzk@sacredheart.edu

No Brasil, no final do século XIX e, principalmente, no período da Primeira República, houve uma mobilização de diferentes setores da elite intelectual no sentido de afirmação do caráter nacional brasileiro. Para tanto, acreditava-se ser necessário elaborar um projeto político de modernização do país e desenhar um novo “modelo” de sociedade. Estas ações foram desenvolvidas com base na crença do progresso e no poder da ciência para solucionar os problemas do país. Na passagem do Século XIX para o XX, o pensamento social dominante no Brasil tinha raízes nas teorias científicas europeias para as quais o clima, a localização geográfica e a “raça,” eram fatores que determinavam a evolução e a hierarquia das sociedades humanas.

Uma das questões que afligia a elite intelectual e política brasileira era: Como era possível, um país como o Brasil, com toda a fertilidade do seu solo, a diversidade de clima e provido de tantos recursos naturais, apresentar um ritmo tão lento de desenvolvimento social e econômico? Inúmeras explicações foram oferecidas para explicar esta questão que se apresentava como paradoxal. A tese que ganhou mais expressão nos meios intelectuais foi a que atribuía à constituição racial brasileira a causa do problema. Apesar de não ser um pensamento hegemônico, grande parcela dos intelectuais deste período, de alguma forma, apontava a “mistura racial” como uma grande questão nacional; um obstáculo para o desenvolvimento econômico e social do país³.

A identificação da “raça” como fator da falta de desenvolvimento do país estava embasada em teorias difundidas na Europa, em particular na Inglaterra e na França, sobre a desigualdade das raças que as hierarquizava, das mais “evoluídas” para as “primitivas”.

Os primórdios do racismo científicos podem ser encontrados em Spencer e Darwin. Spencer, a partir de suas elaborações sobre o que se denominou de evolucionismo social, transplantando do mundo biológico ao mundo cultural o modelo das tipologias e dos sistemas classificatórios, implementando a noção de diferenças entre os povos e as sociedades. Darwin, influenciado por aspectos da obra de Spencer, elaborou teorias evolucionistas que demarcavam, naquela época, as noções de superioridade cultural e racial. Em “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, de 1871, destacou que as raças humanas eram divididas em duas categorias. A primeira, composta pelos europeus, compreendia a raça dos civilizados e dos povos superiores, enquanto os negros, indianos e indígenas, considerados como selvagens, compunham as raças inferiores (CHAVES, 2003, p.107).

As teorias raciais, como a da superioridade da “raça ariana”, defendida pelo Conde Gobineau no livro publicado em 1854, *Ensaio sobre a desigualdade das raças*

³ Havia entusiastas da educação que acreditavam que a escolarização era o “problema vital” do país. Miguel Couto (1927, p.19), por exemplo, depois de apontar que o povo brasileiro era “um dos mais ignorantes na face da terra”, afirmava que resolvido o problema da educação do povo, acabaria a “ignorância popular”, considerada uma das responsáveis pela pobreza de grande parte dos brasileiros; Manoel Bonfim questionava e se opunha à teoria da superioridade racial: Que vem a ser esta teoria? Como nasceu? A resposta a estas questões dirá que tal teoria não passa de um sofisma do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicada à exploração dos fracos pelos fortes. (ALVES, 1979, p.33-38).

humanas, a de Chamberlein, a de Le Bon entre outros, passaram a influenciar fortemente os intelectuais e políticos europeus e americanos. A “raça brasileira” resultante da mestiçagem de uma “raça” superior, com “raças” inferiores, era considerada degenerada, “híbrida, deficiente em energia física e mental”⁴.

Porém, todas as teorias raciais ganharam força a partir dos estudos do naturalista inglês Francis Galton (1822-1911) que, após conhecer a teoria da “seleção natural”, proposta por seu primo Charles Darwin em 1858, ficou inconformado com a idéia de que esta teoria pudesse ser aplicada ao gênero humano. Em seu livro publicado em 1865 *Hereditary Talent and Genius*, propunha que as forças aleatórias da seleção natural, como agente propulsor do progresso, fossem substituídas por uma seleção consciente, quando aplicada aos humanos e que os homens deveriam usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e pelo processo da evolução nos tempos passados, a fim de promoverem o progresso físico e moral no futuro. Para Galton, cabia aos cientistas oferecer mecanismos que acelerassem o melhoramento racial, tal como se fazia na seleção artificial de certos genes para aprimoramento das raças de animais. Este mecanismo, conhecido como “eugenia” favorecia a reprodução dos “melhores” indivíduos e impediria a reprodução dos “menos aptos”, neste caso, das “raças inferiores”.

Em sua obra, definiu as diretrizes para o estudo e a manipulação da hereditariedade com o objetivo de melhorar ao máximo as qualidades inatas das “raças humanas”, sobretudo, suas habilidades mentais. Seu objetivo era assegurar que indivíduos e grupos de melhor “qualidade racial” gerassem um número maior de descendentes; era denominada eugenia positiva; e os indivíduos com qualquer distúrbio físico ou mental deveriam abster-se da reprodução (eugenia negativa), mesmo que para isso o Estado tivesse que intervir.

A eugenia não era uma ciência no exato sentido, antes, um projeto político-social que se apoiava na suposta cientificidade para justificar e aplicar práticas sociais de controle da população, principalmente de categorias sociais estigmatizadas: negros, mestiços, prostitutas, homossexuais e portadores de deficiências físicas ou mentais. (STEPAN, 1991.p.13.

De um lado, desenvolveu-se um ramo “radical” da eugenia que, baseado em Mendel, que acreditava que a hereditariedade não sofria influências do meio. Portanto, era necessário preservar a “pureza” de certas “raças”, que não poderiam se misturar para não se degenerar. Degeneração era um termo usado pela medicina social para designar qualquer “anomalia” de fundo hereditário, considerada uma patologia congênita,

⁴ Desde a segunda metade do século XIX, o Brasil era caracterizado pejorativamente como uma nação mestiça e tido como exemplo dos males resultantes da “mistura racial”. Naturalistas europeus, em seus relatos traçavam uma imagem sombria da “raça” brasileira em virtude da mestiçagem. Gobineau, que viveu quinze meses no Brasil, como diplomata, ao referir-se à população brasileira assim a descrevia: “Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia” (RAEDER, 1988, p.98 apud SCHWARCZ, 1993, p.13); o pesquisador suíço Louis Agassiz, em 1868, relatava: “[...] que qualquer um duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amalgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental” (AGASSIZ, 1868, p.71 apud SCHWARCZ, 1993, p.13).

sem a menor possibilidade de cura. Um ramo menos radical da eugenia, influenciado pelas teorias de Lamarck, admitia a idéia de que a hereditariedade era determinada tanto por fatores raciais, portanto hereditários, quanto por fatores adquiridos. O movimento eugênico proliferou em mais de trinta países, desde o final do século XIX até a década de 1930, sendo que países como a Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos adotaram, em linhas gerais, o ramo mais radical da eugenia e defenderam a superioridade da raça branca. (SCHENEIDER, 1990, p.176). Já, muitos países da América do Sul, incorporaram o discurso eugênico, na maioria das vezes, sob a ótica lamarckista.

A apropriação do Discurso Eugênico no Brasil.

A teoria da Eugenia teve ampla aceitação nos meios científico, político e intelectual brasileiros, como forma de explicar a miséria social que representava um entrave para o progresso nacional. Grande parte da elite brasileira acreditava que os pobres e os não brancos eram fracos, doentes e indolentes, não devido às condições sociais e econômicas em que viviam, antes era uma questão de hereditariedade, eram de “raça degenerada”. Homens ilustres, como Oliveira Vianna, João Baptista de Lacerda, Joaquim Maria de Lacerda⁵, Monteiro Lobato, Afrânio Peixoto, Nina Rodrigues e Renato Kehl, além de muitos outros intelectuais que se congregavam em Institutos Históricos e Geográficos, Museus Etnográficos, Faculdades de Direito e Medicina e em várias associações, tais como a Associação Brasileira de Higiene, Associação Brasileira de Educação, Sociedade de Eugenia, comungavam com as teorias do determinismo racial, mas diante da realidade brasileira — um país com uma população mestiça, tentavam traçar um ideal de “raça brasileira” e propor políticas e práticas sociais para seu aprimoramento.

A apropriação do pensamento eugênico por parte da intelectualidade brasileira foi refletida em seus discursos e nas ações desenvolvidas pelas Associações às quais pertenciam.

Em 14 de janeiro de 1918, depois de ampla divulgação da Eugenia feita pelo jovem médico e farmacêutico Renato Kehl e pelo Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, foi fundada a Sociedade de Eugênica de São Paulo, em uma sessão da Sociedade de Cirurgia e Medicina, contando com 140 membros. Entre suas finalidades expressas, estavam o estudo e a aplicação de questões da hereditariedade, descendência e evolução para a conservação e aperfeiçoamento da raça humana e o estudo e aplicação das questões relativas à influência do meio, do estado econômico, da legislação, dos costumes, do valor das gerações sucessivas e sobre as aptidões físicas, intelectuais e morais. (KEHL, 1919).

Durante a década de 20, o movimento eugenista se desloca para o Rio de Janeiro, onde ganha um matiz mais nacionalista. Em 1928 foi criado o Instituto de Eugenia do

⁵ Joaquim Maria de Lacerda, no início da década de 1880, em sua obra *Curso Methodico de Geographia Physica, Política e Astronômica*, para uso das escolas brasileiras, revelava a sua crença na existência da superioridade racial. “A Raça caucasea é de todas a mais inteligente, activa civilizada e poderosa. [...] A raça mongólica [...] ou raça amarela, que conta com povos de uma civilização muito antiga, como os chineses, mas tem permanecido estacionários, é incontestavelmente inferior à raça branca. A raça negra, muito menos civilizada e inteligente do que as duas primeiras. (LACERDA, 1929, p.33).

Rio de Janeiro e, no mesmo ano, realizado o I Congresso Brasileiro de Eugenia. Foram, inclusive, realizados concursos para selecionar “exemplares raciais” brasileiros mais puros e um concurso no qual poderiam ser inscritas crianças de 3 a 5 anos com o objetivo de selecionar matrizes para a constituição da futura “raça pura” nacional (MASIERO, 2005).

Para Afrânio Peixoto, o Brasil tinha uma população pouco dada ao trabalho, indolente porque carregava em seus genes as marcas das raças inferiores, quer dos indígenas quer dos negros.

O cruzamento entre brancos e pretos infestou o Brasil de inumeráveis mulatos, sub-raça que participa do caráter de uma e outra, com alguns defeitos aumentados, devido ao clima, à má educação e, principalmente, à indisciplina social [...]. (PEIXOTO, 1916. p.216).

O campo literário sempre teve um papel preponderante na construção de um símbolo do brasileiro típico no imaginário social. Se José de Alencar buscou consagrar a figura do índio como um emblema nacional e Euclides da Cunha, na virada do século, elegeu o sertanejo, com sua força, mas também com suas fraquezas, como o brasileiro típico, Monteiro Lobato, no início do século XX, tendo como pano de fundo o pensamento social brasileiro, impregnado pelas idéias do determinismo biológico da herança genética, construiu a figura simbólica do Jéca Tatu – caipira brasileiro, que se tornou um dos mais conhecidos personagens da cultura nacional.

Ao criar este personagem, Lobato caracterizou-o como “caboclo” preguiçoso, indolente, um verdadeiro parasita. Atribui-lhe a responsabilidade por todos os problemas sociais com os quais convivia, uma vez que, por sua origem mestiça era um espécime degenerado. A criação deste personagem deve-se à experiência pessoal do escritor. Depois de herdar terras no interior de São Paulo, passou a conhecer o modo de vida de alguns “caboclos” que viviam em suas terras. Em um texto publicado em 1914, no jornal “O Estado de São Paulo”, com o título “Praga Velha”, assim descrevia o sertanejo: “Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização (...) o caboclo é uma quantidade “negativa”. (LOBATO, 1957 apud LIMA & HOCKMAN, 1886, p.56).

Em carta enviada ao seu amigo Godofredo Rangel e depois publicada no “O Estado de São Paulo” em outubro de 1914, o então fazendeiro do interior paulista, ao mostrar sua indignação com a apatia e a indolência dos homens do sertão que viviam em suas terras, refere-se a eles como verdadeiras pragas da terra.

Atualmente estou em lucta com quatro piolbos desta ordem——”agregados” aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas[...]. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolbo desde o estado de léndea, no útero de uma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro⁶ [...] (LAJOLO, 1983, p.123.)

⁶ Nas citações será seguida a ortografia dos textos originais.

Para Lobato, a indolência daquele homem do sertão era determinada geneticamente, o mestiço de branco e índio trazia no seu sangue os fluídos da degeneração. Era irrecuperável!

Lobato estava alinhado com posições seguidas por uma grande parcela da intelectualidade brasileira de seu tempo. Os adeptos das teorias do racismo científico e do determinismo racial argumentavam que o Brasil era um país sem futuro por possuir uma população resultante de uma mistura racial biologicamente incapaz. Alguns intelectuais nordestinos, no entanto, muito embora tivessem como matriz de seu pensamento a desigualdade racial e a mestiçagem como o grande fator que explicaria a inferioridade do povo brasileiro, afirmavam que nosso maior mal era também “a nossa suprema diferença” (SCHWARCZ, 1994, p.75,76). Silvio Romero e alguns médicos baianos, por exemplo, propunham soluções a partir desta nossa especificidade. Silvio Romero era um entusiasta da imigração européia para que houvesse uma maior miscigenação, pois além de branquear a “raça brasileira”, seria possível homogeneizá-la, formando o tipo nacional — um homem mestiço (ROMERO, 1906, p.123).

Fernando de Azevedo e seu discurso eugênico/ higiênico.

O sociólogo e educador Fernando de Azevedo⁷, imbuído das idéias eugênicas, em voga na Europa e na América, passou a integrar o círculo de intelectuais brasileiros que procuravam meios para regenerar a “raça brasileira”. A suposta “raça brasileira” representada pelo segmento pobre e não-branco da população, ou seja, os negros, os mulatos e o chamado “caboclo”, resultado da miscigenação de brancos e índios, era apontada como a responsável pela miséria social do país. Baseados em uma suposta cientificidade, os intelectuais, discutiam projetos político-sociais de controle da população, principalmente das categorias estigmatizadas. Os problemas físicos, mentais e morais, tais como a fraqueza, a anemia, o raquitismo, a indolência, a preguiça, a violência, o homossexualismo e a prostituição eram considerados fatores hereditários em decorrência da “degeneração racial” de seus antepassados e não devidos a fatores econômicos e sociais.

Como membro e primeiro secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo, Fernando de Azevedo produziu várias obras abordando este tema⁸. Em sua Conferência, pronunciada na referida, em 1919, ao fazer uma apologia a eugenia, afirma que Francis Galton inspirou-se nos princípios da ciência grega, sistematizando uma ciência que,

⁷ Fernando de Azevedo, mineiro de Sapucaí, nascido em 1894, formou-se em Direito em São Paulo. Educador reconhecido, foi um dos expoentes do movimento da Escola Nova no Brasil. Enquanto Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal de 1926 a 1930 e Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo em 1933, realizou reformas radicais. Mentor e redator do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, escreveu várias obras de vulto, entre elas *A Cultura Brasileira* (1942). É também reconhecido como o grande incentivador da introdução da Educação Física no currículo escolar brasileiro.

⁸ Já em 1915, Fernando de Azevedo concorreu a uma cadeira de Educação Física no Ginásio do Estado de Minas Gerais, com uma tese sob o título: *Poesia do Corpo*. Devido ao reconhecimento do trabalho pela Comissão Julgadora e pela imprensa, foi feita uma 2ª edição revista e ampliada que foi publicada em 1920, com o título- *Da Educação Physica: o que Ella é- o que tem sido- o que deve ser*. Também em 1920, publicou a obra: *Antinoüs- Estudo da CulturaAthletica*, na qual incluía a Conferência pronunciada na Sociedade eugênica de São Paulo em 1919 intitulada: *O Segredo de Marathona: Apologia da Cultura Athletica.* (AZEVEDO, 1920 b, p.8)

hoje se alicerça no imperecível cimento armado de novas sciencias experimentaes,[...] sciencia complexa, sciencia anthropometrica, sciencia humanitária, que fugindo às superstições do corpo e às superstições da intelligencia, encaminha uma e outra educação ao ideal da perfeição humana e funde todas as modalidades educativas numa mesma religião[...] (AZEVEDO,1920a.p.18).

Ao se referir à fraqueza física e moral do povo brasileiro, fazendo uso de analogias, destacava o fator racial como um mal lento e silencioso que sugava a energia vital do povo; enfim, a degeneração física era algo que se constituía em uma ameaça à nacionalidade brasileira.

E a depressão physica generalizada não é para o paiz, o ladrão que duma punhalada rouba e foge, deixando morta no solo a victima;[...] não é o tóxico violento, que em breves horas arruína e mata, [...]é, por assim dizer, o veneno lento, por vezes enganador, que paulatinamente intoxica o sangue e prostra o organismo; não é um mal apenas, é a predisposição a toda a moléstia; não é o rasgão que num momento despedaça a bandeira pátria, é a traça que morosamente a vae cortando;não é, enfim, o machado, que a cada golpe dilacera uma fibra da arvore ethnica, é o parasita que lbe desseca a raiz e suga até a ultima gotta de seiva....(AZEVEDO, 1920a,p.22).

O pensamento de Fernando de Azevedo apresentava-se como original, porém híbrido, pois oscilava entre o que se caracterizou como o ramo “duro” ou “radical” da Eugenia atribuindo ao fator racial os problemas físicos, intelectuais, psíquicos e morais do povo brasileiro e o ramo “brando” que se baseava na teoria de Lamarck, de que alguns caracteres poderiam ser adquiridos.

Alicerçado, também, nas teorias de Carnot e Guerin, segundo as quais, a estrutura de um órgão determina sua função e a função modifica por sua vez esta estrutura, passou a defender a Educação Física como o único meio de “regenerar” física e moralmente a “raça” brasileira, pois a Educação Física, se cientificamente fundamentada, “torna-se um maravilhoso instrumento de transformação social-étnica” (AZEVEDO, 1920b, p.21-23).

O exercício -esta maravilhosa ação mecânica, é que corrige e modela a estrutura humana. Quando, pois, persistindo a causa durante varias gerações, a herança fixa definitivamente os caracteres adquiridos, as modificações anatômicas assim produzidas tronam-se permanentes e chegam à constituição de espécies novas, de maneira que uma adaptação a uma função útil pode definitivamente fixar-se sob forma de um caráter étnico, assim como a atrofia de certos órgãos pode chegar ao desaparecimento étnico. (AZEVEDO, 1920b, p.22, 23).

Argumentava que a Atlética ou, genericamente, a educação física, apesar de ser um assunto tão difundido era pouco estudado, mas que ele poderia ser uma questão focal da eugenia. Demonstrando conhecer as diferentes vertentes do pensamento sobre a regeneração do homem brasileiro, e coerente com a tese lamarckista, defendia que o controle higiênico “contra a perpetuação tenebrosa de taras hereditárias, na adoção de medidas tendentes a proteger a procriação contra as degenerescências e pela privação de reprodutores doentes dos meios de serem prejudiciais à raça”, e/ou as medidas

sanitárias que melhoravam o meio físico, em si só eram insuficientes para a regeneração da “raça”. A Eugenia, segundo Azevedo, era também a aplicação de uma educação enérgica para a conquista da plenitude das forças físicas e morais, que poderia livrar a população da “fraqueza neurastênica”. (AZEVEDO, 1920a, p.21).

A Educação Física, portanto, teria por finalidade direcionar para utilizar todas as forças do indivíduo tais como: as físicas que, além do sistema muscular, incluem o sistema nervoso, respiratório e digestivo; as morais e intelectuais, como a reflexão, a observação, a vontade, a audácia e a perseverança, e as sociais, como o espírito associativo e direcionar para neutralizar as “taras” ou degenerescências físicas que podem ser hereditárias ou adquiridas, tais como anomalias anatômicas, hipotonia muscular e excitabilidade nervosa; morais como a timidez, o temor do movimento, todas as formas de desânimo e abulia e as sociais, a timidez paralisante diante de outros, a esquivança, a neurastenia e a susceptibilidade sombria. (AZEVEDO, 1920b. p.22-24).

Só uma geração robusta e sadia poderia formar uma nação forte.

Fernando de Azevedo, assim como grande parte dos intelectuais de sua época, traçava um quadro sombrio sobre o futuro da nação brasileira, uma vez que,

A superioridade étnica de um povo é uma equação entre os elementos de sua formação e as condições históricas que sobre ele atuaram. A quem atende na heterogeneidade de elementos ancestrais, que fusionando-se, deram o produto híbrido e impreciso de nossa gens, e nas condições históricas que os influenciaram, não poder surpreender o espetáculo desagradável deste povo sem um tipo étnico definido, mas, ao contrário, emperrado, raquítico, e, por isto, destinados pelos pessimistas à absorção ou pelo menos ‘quase impossibilidade de tornar-se um dia “força viva da humanidade e uma glória real da civilização latina” (AZEVEDO, 1920b, p.294).

E argumentava que por mais que quiséssemos emoldurar o berço ou a formação da nacionalidade brasileira, nunca poderíamos encontrar, nos elementos que a formaram, a promessa dos temperamentos robustos, que são o apanágio das nações fortes e das organizações sadias e o gérmen ou penhor da supremacia etnológica de um povo. Citando Euclides da Cunha e Isidoro Martins, Azevedo salientava, mais uma vez, que era na gênese do nosso povo que se encontraria a explicação do raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos; que salvo uma mutação imprevista, este povo, uma subcategoria étnica, tendia a desaparecer sem deixar traços remanescentes. Apontava que esta mestiçagem era recente e por isto, “não tinha sido possível debaixo da pele os pigmentos e dentro do cérebro as tendências psíquicas das três ‘raças’ geradoras que permitissem formar um tipo único”. (AZEVEDO, 1920b, p. 295).

Porém, considerava que a nação poderia ser regenerada física e moralmente; seria imprescindível começar pelo aprimoramento do organismo, pelo soerguimento das forças físicas. Pois, em um corpo fraco e/ou doentio, só prosperaria a fraqueza do pensamento, a falta de energia, as más propensões, a melancolia e as “aberrações esdrúxulas”, enfim, a fraqueza de caráter.

O fraco é, por via de regra, tímido. O tímido é cruel. O medo – desconfiança do próprio valor - induz à precipitação, porque paralisa o espírito, é sanguinário, apadrinha embustes, gera a barbaria. A coragem – apanágio de um sistema nervoso equilibrado,. É leal e cavalheiresca, contemporiza, faz cair a arma do braço cheio de músculos, em que o forte sente latejar o recurso de uma defesa incruenta. (AZEVEDO, 1920a, p.45).

Para que se pudesse falar em uma pátria nova, em nacionalidade brasileira, seria necessário implementar um projeto educacional capaz de transformar “a geração nascente”. Pensar em uma educação integral implicaria fomentar a educação física para as crianças e os jovens. Apoiado no pensamento dos gregos e dos indianos defendia a máxima: mens sana in corpore sano. Enfim, as qualidades intelectuais e as virtudes morais só seriam possíveis em uma pessoa sadia que tivesse um corpo cultivado pelo exercício físico que exercitaria a “substancia cinzenta do sistema nervoso”.

O desenvolvimento do individuo e a formação de seu caráter dependem tanto do funcionamento dos seus órgãos, como da qualidade de sua educação. O homem são, cultivado fisicamente e preparado pelas qualidades do caráter, tem por via de regra, uma predisposição inata à moral. A tendência para o mal é na maioria das vezes, o apanágio dos organismos doentios. A saúde, as qualidades moraes e a coragem cousas que já na velha concepção grega , que como typo ideal o athleta de corpo e de espírito, iam de par com a fraqueza, o vicio e a disformidade. (AZEVEDO, 1920b, p. 36).

E continuava que, a inatividade física tornaria a juventude não somente incapaz de cumprir com os deveres cívicos ou patrióticos, como multiplicaria os “valentudinarios” e inaptos às exigências da vida e da civilização.

Em toda a verdadeira civilização o corpo deve beneficiar-se, como a intelligencia do progresso social: caso contrario este progresso estagnaria o abstracto. D’abi não haver cidade culta, onde já não tenha abolido de vez ou se não vá relegando ao abandono este bárbaro systema de educação assassina, aniquiladora de gerações, que não se ocupando senão do cérebro, constrange o corpo para edificar a alma. (AZEVEDO, 1920a,p.19-20)

No entanto, além de defender o desenvolvimento geral do homem, evocando a “sciencia galtoniana”, Azevedo via na regeneração física da mulher brasileira, a pedra angular da nacionalidade. Partia da premissa que “mulheres fortes fazem uma raça forte; que com a fraqueza das mães começa a dos homens e que não é possível nenhum progresso social durável se não houver a intervenção da mulher no processo da regeneração da raça”(AZEVEDO,1920b, p.99). Citando Fouillée, afirmava que “a mulher não está encerrada no seu “eu” - ela é a humanidade visível e a sua educação é uma obra, cujo interesse se projeta para além do indivíduo”. Portanto, seria necessário ver “na menina que desabrocha, a mãe de amanhã: formar fisicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura”. (AZEVEDO, 1920b, 98-100).

A regeneração física da mulher brasileira seria o meio mais lógico, mais seguro e mais direto de obter-se, no futuro, uma geração sadia e robusta,

[...] em substituição a esta de hoje que, em geral, se ankylosa em atitudes escolióticas e enfezadas, estiolando-se nos rebentos de uma prole franzina, que surge muitas vezes sobre as ruínas da saúde das mães, quando não seja o sacrifício de sua própria vida... Que podemos de fato esperar de meninas fracas, para quem a maternidade seria uma catástrofe, senão uma floração cada vez mais rachitica e doentia? (AZEVEDO, 1920b, p.102).

Sem o aprimoramento de seu organismo pela rotina da educação física, a mulher seria “um instrumento inconsciente para encher o mundo de criaturas doentias e abastardar a raça⁹ pela acumulação hereditária, por largas gerações, da degenerescência física”. (AZEVEDO, 1920b, p.101).

Ao tratar com a idéia da regeneração da mulher usou uma linguagem dura, contundente, atribuindo ao fator racial a responsabilidade pelos problemas físicos e morais do povo brasileiro. Porém, em virtude de sua vertente Lamarckista, defendia que era possível aprimorar a raça brasileira. Pelos exercícios físicos constantes, a mulher iria fortalecendo seu corpo e, ao longo das gerações, estas características iriam sendo incorporadas pelas novas gerações e iriam aprimorando a raça. Pois acreditava que as transformações anatômicas só se tornam hereditárias depois de um longo processo de assimilação.

A intelectualidade brasileira se redime perante o povo brasileiro.

Ao mesmo tempo em que os princípios da eugenia eram amplamente debatidos e os intelectuais buscavam traçar projetos políticos e sociais com vistas a contornar o problema da “degeneração racial”, outras correntes de pensamento buscavam soluções para os problemas nacionais. O reavivamento do conhecimento médico-higienista e os novos conhecimentos dos sanitaristas permitiam outro olhar sobre a questão. Para os intelectuais ligados a campanha de saneamento, em geral médicos, que adotavam uma tendência crítica em relação ao determinismo racial, o brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque era doente e viviam num ambiente contaminado, além do que, era abandonado pelo governo. Para este segmento, a doença e não a “raça” era o principal problema do país. Esta vertente do pensamento ganhou força perante a intelectualidade brasileira, principalmente entre 1916 e 1920, depois das viagens dos sanitaristas pelo interior do país e das descobertas das endemias rurais.

Monteiro Lobato, diante do grande movimento político e intelectual, aderiu à causa sanitarista e redimiou a figura do Jeca Tatu, ao declarar: “O Jeca não é assim: está assim”- evidenciando uma mudança de perspectiva de sua visão sobre o sertanejo. O novo Jeca apresentado ao povo era um caboclo indolente, mas que ao receber tratamento médico, curou-se das doenças e tornou-se trabalhador, enriqueceu e tornou-se exemplo para seus vizinhos.

Assim como a intelectualidade de seu tempo, as idéias de Azevedo moviam-se nos limites do conhecimento científico disponível e com os avanços e as contradições

⁹ Destaque nosso.

das teorias científicas. Em alguns momentos, o reavivamento do conhecimento médico-higienista e os novos conhecimentos dos sanitaristas, fazendo seu pensamento oscilar entre atribuir as causas dos problemas nacionais à “raça” ou à doença?¹⁰

Mesmo claramente alinhado ao movimento eugenista, Fernando de Azevedo, muitas vezes, demonstrava ser “contaminado” por outras formas de ver a questão. Já em sua Conferência na Sociedade Eugênica em 1919, levantava alguns questionamentos. O que poderia impedir a “ação eugenética” para recuperar o país? Seria a “raça”? E ele mesmo respondia, evocando Monteiro Lobato:

Não é a Raça; escreveu lapidarmente Monteiro Lobato- a raça dos bandeirante sé a mesma de Geca- Tatu (sic). É um longo e ininterrupto estado de doenças transmittido de paes para filhos, que explica o como e porque dos Fernandes Dias Paes Leme de outr’ora, terríveis varões enfiados de aço, resurtiu uma geração avelhentada, anemiada, feia, incapaz. (AZEVEDO, 1920b, p.46).

Na sua argumentação, afirma que o sertanejo sob a aparência de cansado e fraco era, na realidade, um homem vigoroso sempre que é preciso vencer.

“Apesar da falta de harmonia fisiológica, de sua fragilidade aparente e de sua taras [degeneração] estéticas, é capaz de um esforço atlético considerável, ninguém pode contestar ser ainda ele a matéria prima, o barro plástico, o sólido cimento da nacionalidade brasileira” (AZEVEDO, 1920b, p.45).

Aos poucos, seu pensamento foi sendo impregnado pelo conhecimento médico-higienista. Em sua obra publicada em 1932, *Novos Caminhos e Novos Fins: a nova política de Educação no Brasil*, ao traçar um quadro das crianças da maioria das escolas rurais e suburbanas do país destacava a miséria orgânica e também social das mesmas:

Eu falo em nome dessas crianças enfezadas e anêmicas, quase maltrapilhas que enchem grande número de escolas públicas, bem perto do público () e do fausto dos grandes centros da cidade, e trazem, na tristeza apática, nas olheiras fundas e no olhar sem brilho, quando não nas escolioses, e em toda a espécie de stigmas, a marca do meio social em que definham, e todos os sinais de uma debilidade congênita agravada pelas taras hereditárias e pela penúria dos meios malsãos , e oferecida como presa fácil à contaminação do ambiente¹¹ (AZEVEDO, 1932, p. 50.)

Azevedo, ainda em 1932, se de um lado, atribuía, em parte, aos fatores geográficos, sociais e econômicos a fraqueza das crianças e jovens brasileiros, de outro, atribuía aos

¹⁰ Os intelectuais da campanha de saneamento, em geral médicos, adotavam uma tendência crítica em relação ao determinismo racial; trouxeram à tona outros elementos para o debate da formação da nacionalidade brasileira- a doença do povo, principalmente do sertanejo. O reavivamento do conhecimento médico-higienista e os novos conhecimentos dos médicos sanitaristas traziam ao debate novas questões. O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque era doente e abandonado pelo governo. Agora a doença e não a “raça” passava a ser o principal problema do país.

¹¹ Grifos nossos.

problemas da raça a debilidade que favorecia a aquisição de vermes, viroses, enfim, de inúmeras doenças. Por mais que se referisse aos dois fatores, persistia em atribuir à “raça” a causa primeira da debilidade física e moral da população brasileira. Mas, seu eugenismo, desde o início, não seguia o ramo Mendeleliano (ramo duro) e sim Lamarckista (ramo ameno) da eugenia. Mas, a partir de década de 1930, seu discurso passou a ser caracterizado como higienista, posto que passou a destacar a interferência do meio como responsável pelos problemas do povo brasileiro e, mais tarde, analisando as questões das populações pobres como um problema social e econômico¹².

A adoção da vertente Lamarckista, no Brasil, permitiu esta aproximação da Eugenia com o Higienismo e o Sanitarismo. Conforme Nancy Stepan observou: “a Eugenia brasileira foi congruente com as ciências do saneamento e foi interpretada por alguns como um novo ramo da Higiene, assim, os brasileiros insistiam que “sanear é eugenicizar” (STEPAN,1991. p.157).

Em entrevista concedida à Revista “Educação Physica”, em 1933, Fernando de Azevedo parecia ter incorporado, de fato, a tese de que o problema econômico e social preponderava sobre o racial:

Existe sem dúvida uma inferioridade physica, que se prende, porém, não à raça ou melhor às raças que entram na composição do nosso povo, mas às condições de vida de nossas populações rurais sertanejas ou praijeiras. A inferioridade physica do nosso povo não é uma questão racial, é um problema social e econômico, de saúde publica e de educação. A Solução deste problema está numa política de engenharia sanitária ou saneamento das regiões em que vegetam e se arruinam as nossas populações (...) Melhoram-se as condições de vida de um povo e o estado da saúde melhorará, em consequência (AZEVEDO, 1933, p.46) .

Em sua obra *Novos Caminhos e Novos Fins*, publicada em 1932, Fernando de Azevedo apresentou um capítulo no qual expôs suas concepções sobre a importância da Higiene Escolar e a higiene do aluno. Usava a Educação Física para contrastar as práticas escolares resultantes da Escola Nova e os antigos métodos tradicionais. Passou a defender a construção de prédios escolares amplos, arejados, com instalações apropriadas, laboratórios, oficinas e ginásios esportivos. Enfim, mais um intelectual parecia se redimir!

Referências

ALVES Fº, Aluizio (1979). *Pensamento Político no Brasil—Manoel Bonfim um ensaísta esquecido*. Rio de Janeiro: Achiamé.

¹² Deve-se destacar que o livro: *Da Educação Física* recebe uma terceira edição na década de 1960, que contém em anexo, a Conferência proferida na Sociedade de Eugenia de São Paulo em 1919. Nesta edição refundida e ampliada, os conceitos sobre a “raça” foram atenuados. Observa-se que o último capítulo que na edição de 1920, tinha por título: *Regeneração étnico racial* foi substituído por *Organização Nacional e Educação Física*, no qual utiliza uma linguagem mais amena ao tratar das questões de eugenia e de “regeneração da raça”. No Prefácio da obra, sob o título:- *Um problema e duas épocas: confronto de idéias e situações*, Azevedo faz um balanço comparativo de suas idéias em 1920 e em 1960 e conclui: “estou inclinado a pensar que, a esse respeito, há mais semelhanças do que diferenças”.

AZEVEDO, Fernando de (1920 a) .Antinoüs – estudo da cultura atlética. São Paulo: Weisflog Editores.

AZEVEDO, Fernando de (1920 b).Da Educação Physica: o que ella é – a que tem sido – o que deveria ser. São Paulo: Weiszflog Editores.

AZEVEDO, Fernando de (1932). Novos Caminhos e Novos Fins. A Nova Política de Educação no Brasil. São Paulo: Melhoramentos.

AZEVEDO, Fernando de (1933). O problema da regeneração. In: Revista Educação Physica nº. 5. p.46) .

AZEVEDO, Fernando de (1960). Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos.

CHAVES, Eunice Santos (2003).Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. In: Psicologia em Estudo.V.8, nº 2.

COUTO, Miguel (1927). No Brasil só há um problema Nacional: a Educação do Povo. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comercio.

KEHL, Renato.(1919).O que é a eugenia. In: Annaes da eugenia. Sociedade Eugênica de São Paulo.São Paulo: Revista do Brasil.

LACERDA, Joaquim Maria de(1929).Geographia Physiac, Política e astronomica. Rio de janeiro: Francisco Alves.

LAJOLO, Marisa (1983) Jeca tatu em três tempos. In: SCHWARCZ, R (org.) Os pobres na Literatura Brasileira. São Paulo: Brasiliense.

LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto (1996). Condenado peal raça, absolvido peal medicina; o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista. In: MAIO, Marcos(org.) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: FioCruz/ CCBB.

MASIERO, André Luís (2005). “A psicologia racial no Brasil (1918-1929)”. Estudos de Psicologia. 10(2).

PEIXOTO, Afrânio (1916). Minha Terra e Minha Gente. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

ROMERO, Sylvio. (1906) .América Latina. Porto. Livraria Ohardon..

STEPAN, Nancy (1991).The Hour of Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin America. Ithaca : Cornell University.

SHNEIDER, W (1990). The Eugenics Movement in France. In: Adams, Mark. *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford. University Press.

SCHWARCZ, Lilia (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em março de 2008

Aprovado em maio de 2008